

Por que a Igreja em destaque?

A escolha do tema Igreja, com as conotações a que aludimos, foi feita a partir de uma indicação unânime dos Regionais, da CNBB. Temos motivos para acreditar que essa proposta corresponde à consciência de que é preciso repensar vida e ação das comunidades eclesiais no contexto de rápidas mudanças na sociedade e na cultura, com fortes repercussões sobre a vida interna da Igreja.

Essa consciência já aflorava nas Diretrizes, mas vai se tornando mais clara e explícita, ao menos na percepção dos sociólogos. O processo é menos percebido por fiéis e pastores, porque é constituído mais por uma mudança nas motivações interiores da fé ou da religião e menos por mudanças nos ritos ou nas atitudes exteriores, embora ultimamente algumas conseqüências tenham sido tornadas mais visíveis pela *mídia*.

Um processo de esvaziamento da dimensão institucional e comunitária?

Basicamente, nas últimas décadas, no Brasil (e um pouco em todo o mundo ocidental, predominantemente cristão), a religião passou de um primado ou predomínio da *instituição* para uma primazia do *indivíduo*. Passou também, ao mesmo tempo, de uma orientação clara para Deus ou a transcendência para a busca de soluções imediatas, às vezes quase mágicas, dos problemas humanos de todos os dias. Podem-se distinguir quatro etapas.

Na *primeira*, a Igreja Católica (e outras Igrejas cristãs tradicionais, ortodoxas ou evangélicas) se apresenta como uma sólida instituição tradicional, onde os fiéis (salvo exceções) aceitam a autoridade da hierarquia eclesial para orientar a sua fé (conteúdos doutrinários e normas morais). Basta pensar nos tempos do Papa Pio XII.

Na *segunda etapa*, o acento é colocado sobre as comunidades: comunidades relativamente pequenas, de “dimensão humana”, de relacionamento direto e próximo entre as pessoas. Basta pensar ao grande desenvolvimento que nos anos ’70 tiveram no Brasil as comunidades de base e, em anos mais recentes, os “novos movimentos”, que não deixam de ser um tipo de comunidades, menos presas ao território e às relações de vizinhança ou parentesco, mais voltadas para a criação de laços afetivos entre pessoas que aderem ao movimento por escolha pessoal, por afinidade ou simpatia com as lideranças carismáticas. (Alguns sociólogos, retomando Weber, falam de “comunidades emocionais”³). Nessas comunidades, a experiência de fé é sustentada e regulada pelo próprio grupo. A doutrina certa não é mais a que é conforme ao magistério da Igreja, ao ensinamento de Papas e Bispos, mas a que é coerente com a experiência da comunidade ou movimento.

Na *terceira etapa*, um elemento da segunda se isola e permanece sozinho, dando mais um passo em direção ao individualismo. O indivíduo procura orientar sua fé a partir do exemplo de um outro, que acredita mais experiente e sobretudo autêntico em sua experiência religiosa. O indivíduo ainda olha para um outro, mas não sente a necessidade de partilhar a vida de um grupo. Basta-lhe seguir o exemplo ou encontrar inspiração no testemunho de uma pessoa. É o que acontece, na opinião de vários observadores, com muitos jovens (como os dois milhões que de todas as partes do mundo se reuniram em Roma no agosto de 2000, para celebrar o Jubileu): eles reconhecem no Papa uma testemunha autêntica da fé e de muitas outras virtudes, mas não obedecem necessariamente à disciplina oficial da Igreja, nem todos aceitam do Papa a autoridade institucional.

Na *quarta e última etapa*, o indivíduo procura a legitimação de sua fé dentro de si mesmo. É seu sentimento subjetivo que decide. “A minha religião sou... eu”, me disse com alguma hesitação um católico não praticante. Não há mais

¹ O documento se chama “Olhando para frente – O projeto “Ser Igreja no Novo Milênio” explicado às comunidades”. Quando os leitores de “Vida Pastoral” lerem essa nota, o texto deverá estar publicado.

² Cf. o documento nº 61 da CNBB (1999) e o artigo de “Vida Pastoral” nº 210 (jan.fev. de 2000), *Diretrizes da Igreja e virada do Milênio*, p. 2-8.

³ Cf. Danièle HERVIEU-LÉGER, *Representam os surtos emocionais contemporâneos o fim da secularização ou o fim da religião?*, “Religião e Sociedade”, 18/1 (1997), 31-47.

O projeto, porém, não tem respostas prontas. Quer colocar as comunidades em atitude de busca e reflexão, para discernir – à luz do Espírito de Cristo – o que devem fazer e como devem ser. Os dois anos do Projeto deveriam levar a Igreja do Brasil ao limiar de 2003, quando a CNBB será chamada a formular novas diretrizes para a evangelização, que poderão emergir de um esforço de busca e reflexão de todas (ou muitas) comunidades eclesiais: paróquias, CEBs, associações, movimentos, pastorais...

Na prática, o Projeto SINM está sendo delineado da seguinte forma:

1. **Objetivo:** retomar a mística da Igreja apostólica, favorecendo uma vivência profunda da espiritualidade e um empenho mais ardoroso na evangelização e no compromisso dos cristãos na história.
2. **Tempo de vigência:** propõe-se que ele entre em vigor logo após o encerramento das celebrações do Grande Jubileu, na Festa da Epifania de 2001, e dure até o fim das DGAE atuais, ou seja até a Assembléia Geral de 2003. O cronograma é o seguinte:

Período ou data	Atividade prevista
Janeiro-fevereiro de 2001	Preparação do Projeto “Ser Igreja no Novo Milênio”
Quaresma de 2001	Campanha da Fraternidade “Vida sim, Drogas não!”
Páscoa – Festa de Cristo Rei	Roteiro de revisão da vida e missão da Igreja à luz dos Atos dos Apóstolos (1)
Advento de 2001/ Natal	Campanha de Evangelização e Novena de Natal
Janeiro-fevereiro de 2002	Avaliação da caminhada e preparação do 2º ano
Quaresma de 2002	Campanha da Fraternidade “Fraternidade e Povos Indígenas”
Páscoa – Festa de Cristo Rei	Roteiro de revisão da vida e missão da Igreja à luz dos Atos dos Apóstolos (2)
Advento de 2002/ Natal	Campanha de Evangelização e Novena de Natal
Janeiro-fevereiro de 2002	Avaliação do SINM e preparação das Diretrizes 2003-06

3. O livro dos **Atos dos Apóstolos** servirá como fundamentação bíblica, para iluminar aspectos atuais da vida e da missão da Igreja. Com esta finalidade, será publicado um subsídio sobre o tema-eixo, dividido em etapas, para a reflexão e a renovação das comunidades eclesiais. Já está elaborado um roteiro de 32 encontros, dividido em 8 unidades de quatro encontros (três com tema fixo e um livre), para cada ano.
4. **Subsídios litúrgicos:** serão produzidos nos moldes daqueles publicados pelo PRNM, contendo roteiros para os domingos (homilias e sugestões para tornar as celebrações mais participadas), com atenção particular à 2ª leitura das missas (Atos e Epístolas).
5. Haverá também **subsídios pastorais** inspirados nas exigências da evangelização - serviço, diálogo, anúncio e comunhão - favorecendo a operacionalização das DGAE, com a colaboração das diversas linhas da CNBB.
6. Em princípio, caberá às comunidades, paróquias e dioceses estabelecer seus **planos de ação (evangelizadora/pastoral)**, escolhendo as atividades que julgarem prioritárias ou mais convenientes. Essas atividades podem retomar temas e desafios já abordados pelo PRNM, mas que ainda precisam de aprofundamento e consolidação (por ex.: planejamento pastoral, direitos humanos e ação social, pastoral do batismo e da crisma, catequese de adultos, ecumenismo...).

projeto de evangelização hoje. Está claro que uma leitura fundamentalista dos Atos não é adequada; antes, só pode ser prejudicial⁴. Não se trata de copiar ou imitar os Atos, ignorando as profundas diferenças culturais entre uma época (a do cristianismo primitivo) e outra (a nossa).

Por outro lado, o próprio livro dos Atos apresenta não tanto um modelo acabado de Igreja, mas principalmente “regras” ou “critérios” de edificação da “Igreja de Deus” em novos contextos, diversos daquele originário, Jerusalém e a Palestina do tempo de Jesus. O livro dos Atos, se quisermos usar uma comparação moderna, fornece o DNA da Igreja, a partir do qual – em contextos diversos – serão desenvolvidas experiências diferentes de Igrejas locais, encarnações da única Igreja de Cristo em situações diversas.

Não é difícil reconhecer (mesmo pela frequência do vocabulário⁵) os traços característicos das células germinais da Igreja:

- é o Espírito Santo que a funda e a guia, indicando os caminhos da missão;
- a missão ocupa sempre o primeiro lugar e ela se desenvolve através da pregação da Palavra de Cristo, o Evangelho;
- a Igreja se configura sempre como Igreja local, inserida numa situação e numa cultura; muitas vezes, esta Igreja nasce nas casas dos fiéis, como “igreja doméstica”, que amplia a família humana na grande família dos cristãos, irmãos em Cristo;
- o próprio *querigma* (anúncio) e sobretudo a *didaqué* (ensinamento) são formulados na linguagem e com os argumentos que o público entende (por isso variam na apresentação aos judeus e aos gregos, aos camponeses da Licaônia e aos intelectuais de Atenas)⁶;
- os convertidos fundam comunidades fiéis “ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão (fraterna), à fração do pão (Eucaristia) e às orações” (cf. At 2,42);
- o pano de fundo de todo o livro é a passagem da Igreja da Palestina e das suas origens judaicas para o mundo grego ou helenista, pagão, o que põe o problema central dos Atos, resolvido no “concílio de Jerusalém”, que está no centro do livro (capítulo 15): o problema da adesão ao cristianismo, passando do paganismo à fé em Cristo, sem assumir integralmente a antiga lei de Moisés;
- analogamente, hoje trata-se de levar a nova evangelização a pregar a mensagem do Cristo na sua autenticidade, sem um acervo de tradições eclesiais nascidas ao longo dos séculos, em circunstâncias passageiras, mas que não se encontram na primeira comunidade e, pior, estorvam a pureza e o vigor do Evangelho.

Trata-se também de criar comunidades onde as pessoas que buscam a Cristo se sintam acolhidas fraternalmente e possam participar, com os irmãos, da missão no mundo: desde o serviço aos pobres até o questionamento das estruturas sociais injustas e desumanas.

Trata-se ainda de superar as divisões em “partidos” ou grupos que entram em conflito na sua concepção da fé e da vida cristã. Procurando o diálogo, o entendimento, a solidariedade e o enriquecimento mútuo, os cristãos devem dar um testemunho de unidade “para que o mundo creia”. Este diálogo hoje não termina dentro dos limites da Igreja Católica, mas se estende às outras Igrejas cristãs, como experimentamos positivamente na Campanha da Fraternidade deste ano.

O novo Projeto incentiva as nossas comunidades a enfrentar criativamente o desafio, atentas às indicações do Espírito e dispostas a construir, no século XXI, com generosidade e perseverança, algo semelhante ao cristianismo do século I, semente de transformação do mundo antigo e exemplo que em todos os séculos inspirou a “reforma permanente”⁷ e perene da Igreja.

⁴ Sobre os perigos da leitura “fundamentalista”, veja o documento da Pontifícia Comissão Bíblica (de 15 de abril de 1993), *A interpretação da Bíblia na Igreja*, parte I, item F (tr. bras., Paulinas, S. Paulo, 1994, p. 82-86).

⁵ No livro dos Atos, a expressão “Espírito Santo” volta 55 vezes; a “palavra de Deus” (ou do Senhor ou, simplesmente, a “Palavra”) é citada mais de 30 vezes.

⁶ Compare os discursos de Paulo aos judeus (At 13,16-43), aos licaônios (At 14, 15-17) e aos atenienses (At 17, 22-31).

⁷ Cf. Concílio Vaticano II, Decreto sobre o Ecumenismo *Unitatis Redintegratio*, n° 6.